

O DESAPARECIMENTO DA INFÂNCIA¹

THE DISAPPEARANCE OF CHILDHOOD

*Lais Fontenelle Pereira*²

Esse livro mostra de onde veio a idéia de infância, porque floresceu durante 350 anos e porque está desaparecendo hoje. O livro é dividido em duas partes sendo a primeira sobre o “*Aparecimento da infância*” e a segunda sobre como os meios de comunicação afetam os processos de socialização de crianças e jovens hoje.

Na primeira parte intitulada “*A invenção da infância*” o autor discorre sobre o surgimento da idéia de infância a partir da invenção da prensa tipográfica no século XVI que dividiu o mundo adulto do infantil. Primeiramente ele mostra como os gregos, apesar de não haver restrições morais ou legais a respeito da prática do infanticídio, nos deram o prenúncio da idéia de infância ao inventar a idéia de escola. Os Romanos tomaram emprestada a idéia grega de escolarização e a ela adicionaram a noção de vergonha o que pode ser considerado um passo crucial na evolução do conceito de infância.

As invasões Bárbaras, juntamente com o colapso do Império Romano e a imersão da Europa na idade das trevas e na Idade Média, fizeram o conceito de infância desaparecer junto com a capacidade de ler e escrever, a educação e o sentimento de vergonha. O que aconteceu na Idade Média foi que todas as importantes interações sociais aconteciam oralmente e assim permitiram a entrada das crianças no mundo dos adultos. Segundo o autor, Rousseau parece estar certo ao dizer que o ato da leitura é o fim da infância uma vez que destrói a Psicologia e Sociologia da oralidade. A leitura é o flagelo da infância uma vez que cria também a idade adulta, pois, ser adulto implica ter acesso aos segredos culturais codificados em símbolos.

Podemos dizer que no mundo medieval não havia nenhuma idéia de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem seqüencial, assim como, nenhuma concepção de escolarização como uma forma de preparação para o

¹ Resenha livre de POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

² Mestre em Psicologia Clínica; Coordenadora de Educação e Pesquisa do Projeto Criança e Consumo do Instituto Alana. E-mail: lais@alana.org.br

mundo adulto. A criança da Idade Média era invisível porque vivia na mesma esfera social dos adultos, pois, tinha acesso à quase todos os comportamentos comuns à cultura.

A partir do advento da tipografia e da alfabetização socializada, que criaram um novo universo simbólico, as crianças foram expulsas do mundo dos adultos fazendo-se necessário à criação de um novo mundo para elas habitarem e este mundo veio a ser chamado de infância. Formou-se uma divisão explícita entre aqueles que sabiam ler e aqueles que não sabiam. A mídia impressa acarretou modificações de outra ordem: a forma do livro impresso instituiu um novo modo de organizar o conteúdo e conseqüentemente o pensamento. Quando o homem letrado foi “criado” as crianças foram deixadas para trás.

O mundo medieval não necessitava da idéia de infância, já que todos compartilhavam o mesmo ambiente informacional e viviam no mesmo mundo social e intelectual. Depois do surgimento da prensa os jovens tiveram que se tornar adultos e para isto precisaram aprender a ler, o que prescindia de educação. Foi assim, que a infância se transformou numa necessidade. Para o autor, a criança se tornou, aos poucos, objeto de respeito que necessitava de separação e proteção frente ao mundo adulto. Todos estes acontecimentos são sinais do surgimento de uma nova classe de pessoas que falavam, se vestiam, aprendiam e pensavam diferentes dos adultos. Quando o modelo de infância tomou forma o modelo de família moderna também se transformou. A tarefa dos adultos passou a ser preparar a criança para a administração do mundo simbólico do adulto.

Cada nação tentou entender a infância segundo sua cultura e no século XVIII o que aconteceu foi que, com a crescente industrialização e a necessidade de trabalhadores nas fábricas Inglesas, a natureza especial das crianças ficou subordinada à sua utilidade como mão de obra barata. Contrariamente a este fato, iniciou-se, também no século XVIII, um movimento por toda Europa, a partir da idéias Iluministas da revolução Francesa, em prol de uma concepção mais humanitária da infância que se deveu em parte, ao aumento do senso de responsabilidade governamental pelo bem estar das crianças.

O autor nos mostra como grandes pensadores tais como *Locke e Rousseau* contribuíram significativamente para discussões a respeito da infância. Locke promoveu a idéia de infância a partir da teoria de que a criança nasce como uma tabula rasa, uma folha em branco, que vai ser preenchida ao longo de sua educação. Já Rousseau tem uma visão mais naturalista de infância ao dizer que seu crescimento é orgânico e natural não carecendo, portanto de “*educação*”. A metáfora Lockiana da mente como folha em branco descreve precisamente a conexão entre infância e material impresso. A educação era para Rousseau um processo de subtração e já para Locke de adição. Apesar de divergentes nas suas concepções

de infância ambos autores tinham uma preocupação com o futuro. Locke queria que a educação resultasse num livro e Rousseau numa flor saudável.

Dois autores posteriores tais como *Freud e Dewey* vêm cristalizar o paradigma básico da infância que vinha se formando desde a invenção da prensa - de que a criança precisa de cuidados especiais - a partir de questionamentos de como podemos equilibrar as exigências da civilização com as exigências da natureza infantil. Estes questionamentos originam dois importantes livros tais como a “*Interpretação dos sonhos*” e a “*Escola e a sociedade*” de Freud e Dewey especificamente. Segundo Freud a criança tem uma inegável estrutura, bem como um conteúdo especial em sua mente – sexualidade. Ele refuta Locke ao dizer que a mente não é uma tabula rasa e se aproxima de Rousseau dizendo que ela está mais perto de um “*estado de natureza*”. De outro modo ele refuta Rousseau e confirma Locke ao colocar que a primeira interação entre pais e filhos será determinante para o tipo de adulto que esta criança será. Vale destacar que para ambos autores a criança é detentora de suas próprias regras de desenvolvimento e de um encanto, curiosidade e verdade que não devem ser sufocados: suas necessidades devem ser atendidas em função do que ela é e não do que ela será.

Na segunda parte do livro, intitulada “*O desaparecimento da infância*”, o autor nos mostra que, com a televisão, onde a informação é apresentada numa forma indiferenciada em sua acessibilidade, a hierarquia da informação desmorona e conseqüentemente desmoronam também as diferenças entre adultos e crianças.

Ele expõe que o período entre 1850 e 1950 representa a sedimentação da infância onde as crianças eram alvo de atenção exclusiva, pois foram feitas tentativas bem sucedidas de retirar as crianças das fábricas e colocá-las nas escolas, dentro de suas próprias roupas, de seu próprio mobiliário, literatura, ou melhor, de seu mundo social. Em muitas leis as crianças foram classificadas como qualitativamente diferentes dos adultos e, assim sendo, foi-lhes atribuído um estatuto diferencial e preferencial estabelecido para proteção contra os caprichos da vida adulta. Este foi também o período em que se moldou o esteriótipo da família moderna. A infância passou, inevitavelmente, a ser definida como categoria biológica e não produto de uma cultura. Vale destacar a ironia contida nestes dados que mostram que o mesmo período que serviu para sedimentar a infância foi àquele que começou seu desmoronamento.

Podemos atribuir, segundo o autor, a Samuel Morse a paternidade da era *sem crianças* a partir da invenção do telégrafo, que mudou o caráter da informação do pessoal e regional para o impessoal e global. O telégrafo elétrico foi o primeiro meio de comunicação

a permitir que a velocidade da mensagem ultrapassasse do corpo humano rompendo o vínculo histórico entre transporte e comunicação. Esta invenção levou-nos a um mundo de simultaneidade e instantaneidade que foi além da experiência humana, pois eliminou de uma tacada só o tempo e espaço como dimensões da comunicação.

Segundo o autor tudo isto teve repercussões na infância já que este conceito é fruto de um ambiente em que uma forma especial de informação - controlada por adultos - tornava-se pouco a pouco disponível para crianças. O telégrafo extorquiu o lar e a escola do controle da informação. Paralelamente ao desenvolvimento da comunicação elétrica, desenvolveu-se a “*revolução gráfica*”, que colocou um novo mundo aos olhos dos homens - com cartazes e anúncios de todas as formas. A imagem tomou o lugar da palavra e a partir daí surgiu um mundo simbólico - que não pôde sustentar as hierarquias sociais e intelectuais que tornavam a infância possível.

A infância, nesta mesma época, se tornou um acessório permanente, apesar de obsoleta. O autor escolheu precisamente o ano de 1950 para datar o início do “*desaparecimento da infância*” a partir do fato que a televisão instalou-se na maioria das casas americanas juntando as revoluções elétrica e gráfica. Postman enxerga na televisão a base histórica de uma linha divisória entre a infância e idade adulta, uma vez que, ao contrário dos livros não há hierarquia de compreensão, a imagem é para todos. Para o autor ver televisão não requer concepção e sim recepção. Para fechar seu pensamento Postman descreve que a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta por três motivos: Primeiro porque não requer aprendizagem específica, segundo porque não faz exigências complexas à mente ou ao comportamento e terceiro porque não segrega o público. O novo ambiente midiático que surgiu fornece a todos as mesmas informações, sem segredos. E, sem segredos não pode haver algo como a infância. A televisão escancara tudo: coloca o que antes era do domínio privado no público e elimina a exclusividade do conhecimento mundano. Ela é uma tecnologia com entrada franca. Mas, qual será o preço desta suposta sinceridade? Se as crianças desde cedo conhecerem mistérios e segredos, como faremos a distinção delas perante os adultos? Diante deste cenário vale colocar que não só a curiosidade da criança perde terreno como também, a autoridade do adulto. Nos tempos da mídia eletrônica não há mais o espanto da descoberta, ou perguntas a serem feitas uma vez que a criança não precisa de esforços para conseguir respostas.

Segundo autores do desenvolvimento infantil, a criança necessita da crença numa autoridade para construir o controle dos seus impulsos violentos, além da crença no que é certo e errado. Sem leis ou garantias as crianças acham difícil ter esperança, coragem ou

disciplina no futuro. Num segundo momento o autor discute a propaganda como mais um meio que visa indiferenciar adultos de crianças usando uma linguagem altamente emotiva que não exige uma lógica para fazer negócios, diferente da época Mercantilista quando o vendedor e comprador estavam capacitados a negociar numa base racional. O autor enxerga a propaganda como um discurso que não só utiliza como se aproxima da retórica religiosa o que indica uma substituição da fé religiosa pela fé na tecnologia.

Para fechar seu pensamento o autor mostra que a televisão tornou desnecessária a distinção entre adultos e crianças, pois sua natureza visa homogeneizar as mentalidades. Ele evidencia o “*desaparecimento da infância*” através de dados tais como a fusão dos gostos de crianças e adultos. O autor conclui seu pensamento dizendo que, se olharmos de perto o conteúdo da TV, podemos encontrar uma precisão não só da ascensão da criança “*adultizada*” como do adulto infantilizado. Para ele os pressupostos tradicionais sobre a singularidade das crianças estão desaparecendo nestes tempos de mídia eletrônica e a infância por ser um artefato social e não uma necessidade biológica desapareceu. Através do redesenho do modo como nos comunicamos e do que precisamos para nos comunicar, chegamos a ponto de não precisarmos de crianças ou velhos.

Recebido em dezembro de 2010
Aceito em fevereiro de 2011